

Revista

1ª EVOLUÇÃO

Ano IV n. 39 Abr. 2023
ISSN 2675-2573



ROSELI MARCELLI

PENSAR A EDUCAÇÃO A PARTIR DO TERRITÓRIO



Filial da
ABEC
BRASIL
Associação Brasileira de Editores Científicos



Platform &
workflow by
OJS / PKP



CiteFactor
Academic Research Journals

www.primeiraevolucao.com.br

Revista **1ª** EVOLUÇÃO

Ano IV - nº 39 - Abril de 2023

ISSN 2675-2573

Uma publicação mensal da Edições Livro Alternativo

Editor Responsável:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

Editor correspondente (Angola):

Manuel Francisco Neto

Coordenaram esta edição:

Manuel Francisco Neto

Vilma Maria da Silva

Organização:

Manuel Francisco Neto

Vilma Maria da Silva

Colunista:

Ana Paula de Lima

Isaac dos Santos Pereira

AUTORES(AS) DESTA EDIÇÃO

Andréa Godoy Miyashiro

Célia Maria Batista

Maria Elena dos Santos Silva

Miriam Ferreira

Pâmella Kelly Ripardo Barros de Mendonça

Priscila Paula da Costa da Silva

Rosângela Adelina dos Santos Oliveira

Tânia Maria Pereira Castro

Viviane de Cássia Araujo

Viviane Salvador de Almeida Gaspar

Os artigos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores e não expressam, necessariamente, a opinião da revista.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Revista Primeira Evolução [recurso eletrônico] / [Editor] Antonio Raimundo Pereira Medrado. - ano 4, n. 39 (abr. 2023). - São Paulo : Edições Livro Alternativo, 2023. 108 p. : il. color

Bibliografia

Mensal

Vol. 1, n. 39 (abr. 2023)

ISSN 2675-2573 (on-line)

Modo de acesso: <https://primeiraevolucao.com.br>

DOI 10.52078/issn2675-2573.rpe.39

1. Educação - Periódicos. 2. Pedagogia - Periódicos. I. Medrado, Antonio Raimundo Pereira, editor. II. Título.

CDD 22. ed. 370.5

Patrícia Martins da Silva Rede - Bibliotecária - CRB-8/5877

ACESSOS:

<https://primeiraevolucao.com.br>



<https://doi.org/10.52078/issn2673-2573.rpe.39>

A

São Paulo | 2023

Editor Responsável:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

Editor correspondente (ANGOLA):

Manuel Francisco Neto

Coordenação editorial:

Ana Paula de Lima
Andreia Fernandes de Souza
Antônio Raimundo Pereira Medrado
Isac dos Santos Pereira
José Wilton dos Santos
Manuel Francisco Neto
Vilma Maria da Silva

Com. de Avaliação e Leitura:

Prof. Me. Adeílson Batista Lins
Prof. Me. Alexandre Passos Bitencourt
Profa. Esp. Ana Paula de Lima
Profa. Dra. Andreia Fernandes de Souza
Profa. Dra. Denise Mak
Prof. Dr. Isac dos Santos Pereira
Prof. Dr. Manuel Francisco Neto
Profa. Ma. Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco
Profa. Mirella Clerici Loayza
Profa. Dra. Patrícia Tanganelli Lara
Profa. Dra. Thaís Thomaz Bovo

Bibliotecária:

Patrícia Martins da Silva Rede

Colunistas:

Profa. Esp. Ana Paula de Lima
Profa. Ma. Cleia Teixeira da Silva
Prof. Dr. Isac dos Santos Pereira
Prof. Me. José Wilton dos Santos

Edição, Web-edição e projetos:

Antônio Raimundo Pereira Medrado
Vilma Maria da Silva
Lee Anthony Medrado

Contatos

Tel. 55(11) 99543-5703
Whatsapp: 55(11) 99543-5703
primeiraevolucao@gmail.com (S. Paulo)
netomanuelfrancisco@gmail.com (Luanda)
<https://primeiraevolucao.com.br>

Imagens, fotos, vetores etc:

<https://publicdomainvectors.org/>
<https://pixabay.com>
<https://www.pngwing.com>
<https://br.freepik.com>

Publicada no Brasil por:

Edições
Livro Alternativo

CNPJ: 28.657.494/0001-09

Colaboradores voluntários em:



A revista PRIMEIRA EVOLUÇÃO é um projeto editorial criado pela **Edições Livro Alternativo** para ajudar e incentivar professores(as) a publicarem suas pesquisas, estudos, vivências ou relatos de experiências.

Seu corpo editorial é formado por professores/as especialistas, mestres/as e doutores/as que atuam na rede pública de ensino, e por profissionais do livro e da tecnologia da informação.

Uma de suas principais características é o fato de ser **independente e totalmente financiada por professoras e professores**, e de distribuição gratuita.

PROPÓSITOS:

Rediscutir, repensar e refletir sobre os mais diversos aspectos educacionais com base nas experiências, pesquisas, estudos e vivências dos profissionais da educação;

Proporcionar a publicação de livros, artigos e ensaios que contribuam para a evolução da educação e dos educadores(as);

Possibilitar a publicação de livros de autores(as) independentes;

Promover o acesso, informação, uso, estudo e compartilhamento de softwares livres;

Incentivar a produção de livros escritos por professores/as e autores independentes;

Financiar (total ou parcialmente,) livros de professoras/es e estudantes da rede pública.

PRINCÍPIOS:

Os trabalhos voltados para a **educação, cultura** e produções independentes;

O uso exclusivo de **softwares livres** na produção dos livros, revistas, divulgação etc;

A ênfase na produção de **obras coletivas** de profissionais da educação;

Publicar e divulgar **livros de professores(as)** e autores(as) independentes;

O respeito à **liberdade e autonomia** dos autores(as);

O combate ao despotismo, ao preconceito e à superstição;

O respeito à **diversidade**.

**Esta revista é mantida e financiada por professoras e professores.
Sua distribuição é, e sempre será, livre e gratuita.**

Produzida com utilização de softwares livres



Filiada à:



Platform &
workflow by
OJS / PKP

Google Acadêmico



www.primeiraevolucao.com.br

A educação evolui quanto mais evoluem seus profissionais

05 APRESENTAÇÃO

Prof. Dr. Manuel Francisco Neto

06 Catalog'Art; Naveg'Ações de Estudantes

Isac dos Santos Pereira

08 Refletindo sobre pessoas... aprendendo com elas

Ana Paula de Lima

10 Poema

João Pedro Pinhal

11 Tirinha

Arthur de Sousa Silva

12 DESTAQUE

Profa. Roseli Marcelli

PENSAR A EDUCAÇÃO A PARTIR DO TERRITÓRIO



ARTIGOS

1. NEUROCIÊNCIA E SUA INFLUÊNCIA NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL Andréa Godoy Miyashiro	19
2. A ARTE E OS JOGOS NA CULTURA INDÍGENA Célia Maria Batista	29
3. O APRENDER, O BRINCAR E A LUDICIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL Maria Elena dos Santos Silva	37
4. A NEUROCIÊNCIA EM PROL DA EDUCAÇÃO ESPECIAL Miriam Ferreira	47
5. A HISTÓRIA DA LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL E SUAS INFLUÊNCIAS NA ORTOGRAFIA Pâmella Kelly Ripardo Barros de Mendonça	55
6. A PSICOPEDAGOGIA NO ÂMBITO EDUCACIONAL Priscila Paula da Costa da Silva	67
7. CURRÍCULO E AVALIAÇÃO DAS APRENDIZAGENS E TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS Rosângela Adelina dos Santos Oliveira	75
8. O DESENHO UNIVERSAL DA APRENDIZAGEM (DUA) E ESTRATÉGIAS PARA UMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA Tânia Maria Pereira Castro	85
9. A IMPORTÂNCIA DA LEITURA E DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS Viviane de Cássia Araujo	93
10. A EDUCAÇÃO COM ESTÍMULOS COMO AUXÍLIO NA PRIMEIRA INFÂNCIA Viviane Salvador de Almeida Gaspar	101

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA E DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

VIVIANE DE CÁSSIA ARAUJO

RESUMO

Esse artigo procura trazer informações sobre a importância da leitura e da contação de histórias infantis. Justifica-se esse artigo por perceber que o ato de ouvir faz parte da essência do ser humano, pois está presente desde os primórdios da humanidade, e por isso muitas vezes contribui para sua formação humana e leitora, além de ser uma forma de sentir certas emoções, viver a arte, vivenciar conflitos e se surpreender. Diante disso, considerando a importância da leitura de histórias, é perceptível a relevância de contá-las, e como contar histórias é uma arte. É fundamental que contar uma história não seja feito ao acaso, mas de forma preparada e estudada para que a experiência seja significativa tanto para o narrador quanto para o ouvinte. A metodologia presente nesse artigo é por meio de pesquisa bibliográfica, com a corroboração de autores que denotam a respeito das histórias infantis e a arte de contar histórias.

Palavras-chave: Conflitos; Essência; Primórdios.

INTRODUÇÃO

A arte de narrar e contar histórias não é uma prática nova, pelo contrário, é uma das atividades mais remotas da humanidade, “desde o surgimento das civilizações antigas, os indivíduos buscaram uma forma de se expressar e se comunicar e, assim, perpetuar a memória coletiva de seu povo” (SILVA, 2014, p. 30). Essa busca por marcar a história da humanidade levou o homem a buscar uma forma de se comunicar, e assim a narrativa passou a fazer parte da cultura dos povos.

Ao descobrir a linguagem, seja ela verbal, escrita, imagética ou simbólica, o ser humano passou a se relacionar, assumindo assim sua condição natural de ser social, que se desenvolve por meio da interação com outros sujeitos (SILVA, 2014).

A humanidade se comunicava de diversas formas, mesmo na pré-história a narrativa estava presente, e já foi encontrada nas paredes das cavernas, relatando o cotidiano daquele povo em pinturas rupestres, “essa forma de comunicação foi mudando, evoluindo, mas ficou a necessidade de passar para as próximas gerações a cultura dos povos, novas informações, relatos de experiências vividas, e com ela o ato de contar histórias.”(ZOCOLARO; DONÁ; SOUZA 2020 , p. 1639).

A partir da relação com outros povos e culturas, o ser humano passou a transmitir a sua própria cultura, valores, a partilhar histórias, experiências, e assim dar início a uma tradição que enriquece e completa a humanidade, a tradição de contar histórias.

Por meio da oralidade dos contadores de histórias tradicionais, sociedades inteiras perpetuaram e transmitiram costumes, valores e organização social às gerações futuras. As histórias orais ampliaram a consciência humana, permitindo que os indivíduos conhecessem o universo e a si mesmos. (SILVA, 2014, p. 20).

À medida que as sociedades evoluíram, a linguagem escrita foi sendo criada e difundida, destacando-se da tradição oral.

A tradição oral, que por muito tempo ocupou posição de destaque, começou a perder espaço para a escrita, que ganhou prestígio desde o seu nascimento, por ser a que melhor atende às necessidades dos homens modernos (SILVA, 2014, p. 29).

No entanto, a autora Valéria Silva (2014) conta que ao deixar de lado a tradição oral, o homem também se afastou daquilo que é a sua essência, pois é na afirmação de que as pessoas se constituem primordialmente, que se relacionam e se identificam.

As sociedades que não desenvolveram a escrita, ou que demoraram mais para entrar no mundo letrado, segundo Silva (2014), apresentam a linguagem oral como principal meio de comunicação e, dessa forma,

Nessas culturas, os contadores de histórias tradicionais, representados por idosos, griots, artesãos, conselheiros e demais membros da comunidade, ao contar histórias orais, cumprem as funções de transmissores e receptores dessas histórias (SILVA, 2014, p. 31).

Nessa perspectiva, a narrativa oral vem manifestando sua presença e importância desde os primórdios da comunicação, e com ela, os contadores de histórias se tornaram sujeitos essenciais na sociedade, de forma que essa prática chegou até os dias atuais, mostrando-se ainda muito importante.

OS CONTADORES DE HISTÓRIA

De pequenos centros familiares ou populacionais a bibliotecas e salas de teatro, o contador de histórias permaneceu até hoje. Uns quiseram que fosse esquecido, outros acreditaram na força solidária de quem une as pessoas para encantar pela palavra. Mais do que reunir pessoas, o contador de histórias tornou-se obrigatório tanto na promoção da leitura quanto no resgate do lúdico e da fantasia. Em vez de desaparecer no tempo, o contador de histórias se multiplicou. (SISTO, 2012, p. 49).

Dessa forma, foi pela voz dos contadores de histórias que os contos da literatura oral se perpetuaram na humanidade, até que historiadores, literatos e outros foram em busca de ouvir e registrar, transformando tais narrativas também em linguagem escrita (BUSATTO, 2003).

Houve um tempo em que homens, mulheres e crianças se reuniam para contar e ouvir histórias de bruxas, fadas, heróis, vilões, animais falantes e muitos outros personagens. Este tempo ainda existe. A arte de contar histórias nunca acabou, embora muitos apostem que não

tem espaço no mundo contemporâneo, marcado pela sofisticação tecnológica na comunicação e um ritmo frenético na vida das famílias modernas. A humanidade, porém, não abandonou sua condição humana, e a necessidade de contar e ouvir histórias faz, sem dúvida, parte de sua natureza. (BARBOZA, 2008, p.48, apud SILVA, 2014, p. 50-51).

Nesse contexto, entendendo que o ato de contar histórias faz parte da essência do ser humano, ouvir histórias também está inserido em sua humanidade e por isso é muito importante para o desenvolvimento de qualquer pessoa.

Se mergulhar nesse universo é fascinante para nós, adultos, que esquecemos de nos embriagar pela magia, imagine para uma criança, que deliberadamente constrói um mundo onde tudo é possível. Ao contar-lhe uma história, estaríamos proporcionando uma rara realização, pois colaboraríamos para ampliar e enriquecer o seu universo. (BUSATTO, 2003, p.12).

Assim, oferecer às crianças momentos para ouvir histórias é dar a elas a oportunidade de desfrutar da magia, das possibilidades fantásticas, ampliando suas experiências. Fanny Abramovich (2009) afirma que é a partir da história que as crianças vão descobrindo novos lugares, outros tempos, outras formas de agir e de ser. Além disso, para a autora:

Ao ouvir histórias pode-se (também) sentir emoções importantes como tristeza, raiva, irritação, bem-estar, medo, alegria, pavor, insegurança, tranquilidade, e muitas outras, vivenciando tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve [...] (ABRAMOVICH, 2009, p.17).

Diante do exposto, reconhecendo a importância das histórias, como elas ecoaram na humanidade desde pequenos, nos abrindo para um mundo de magia, dor humana e nos formando no mundo real, é importante buscar atividades que ofereçam momentos de contação para crianças, porque elas devem ter acesso à mais legítima contação de histórias, em que, a partir da preparação do contador de histórias, o ouvinte possa ser levado a outro patamar, às mais belas sensações humanas.

É por isso que a arte de contar histórias envolve técnica, preparação, conhecimento da história, uso da voz, gestos, corpo e audiência:

Contar histórias envolve arte, estética e, sobretudo, lança mão da performance com todas as suas características, entre elas, gestos, expressão corporal, voz, escolha de um bom enredo e técnicas adequadas para que as histórias sejam transmitidas e apreciadas pelos ouvintes (SILVA, 2014, p. 21).

Assim, para despertar e abrir a imaginação das crianças por meio da narração e uso de textos literários, é preciso que a história seja bem contada, que seja bem elaborada.

Não se trata apenas de contá-lo: trata-se de fazê-lo bem, de forma bonita, com uma linguagem trabalhada, para afetar o outro com um bom vislumbre do que não se encontra facilmente no dia a dia com

um apelo estético equilibrado. Só assim podemos dizer que nosso compromisso é também com a literatura. (SISTO; MOTOYAMA, 2016, p. 112).

Ao entender o ato de contar, sabemos, por meio da narrativa, cativar o público de uma forma mais fácil, fazê-lo sentir o conto, viajar junto com a história. Quando não preparamos a história, há uma grande chance de isso não acontecer e, assim, dar espaço para uma narrativa que não importa.

Nada é mais desagradável do que uma narrativa monótona, que segue reviravoltas, dando espaço para bocejos, desconcentrando e fazendo a mente vagar por lugares distantes daqueles a serem sugeridos pelo texto (BUSATTO, 2003 , p. 65).

Assim, são vários os fatores a pensar na hora de preparar a contação de histórias, para que seja cativante e legítima, que tenha um compromisso com a arte e a literatura, e a divulgue junto das crianças, por meio do uso da voz, dos gestos, da performance, sensações e encantos que as narrativas transmitem.

PLANEJAMENTO DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIA

Abramovich (2009) nos mostra que para contar qualquer história é bom saber como se faz, entendendo que contar histórias é uma arte, é preciso que quem está contando esteja preparado, conheça as diferentes técnicas para cada público, saiba criar a atmosfera, envolver-se com a história, pois é a narração “que equilibra o que se ouve com o que se sente” (ABRAMOVICH, 2009, p. 18).

Pensando nisso, é preciso preparar a narração com cuidado, pensando em vários aspectos. Uma delas é a escolha da história que será contada. Silva (1986) afirma que para escolher a narrativa é preciso levar em conta fatores como a literalidade da obra, além de repensar se é interessante aos ouvintes, dependendo de sua faixa etária, o local onde a narrativa será contada, se é um espaço exterior, um interior e ainda se são ouvintes de diferentes idades ou com realidades muito diferentes. Dessa forma, este autor afirma que,

Antes de contar uma história, precisamos saber se é um assunto interessante e bem elaborado. Se for original, demonstra um alto nível de imaginação e é capaz de agradar as crianças. (SILVA, 1986, p. 14)

Portanto antes de sensibilizar os ouvintes, a história deve sensibilizar o contador. A forma como vemos a história é a mesma da qual é vista pelo outro. Se considerarmos isso uma distração ou entretenimento, soará exatamente assim. Porém, se acreditarmos que pode ser uma luz para o nosso caminho, é assim que ela será levada. (BUSATTO, 2003, p. 47 - 48).

Assim, segundo os autores em questão, é importante que o contador de histórias goste do que vai ser narrado, e entenda a narrativa, “Não adianta se dedicar ao texto, se você não entender seu significado e intenção” (BUSATTO, 2003, pág. 60). Se o narrador não se sentir próximo da história, é melhor não contá-la, pois estará transmitindo junto com a história seus anseios em relação a ela e a forma de narrar.

Não podemos esperar que uma história envolva as pessoas se não estivermos dispostos a estar com ela, narrando cada detalhe com uma intenção própria, afinal, as palavras podem conter muito mais do que seu sentido estrito. (BUSATTO, 2003), p. 62).

Assim, após a escolha da história, é preciso estudá-la, o que para Silva (1986) é “antes de tudo, divertir-se com ela, captar a mensagem que nela está implícita e depois, após algumas leituras, identificar os seus elementos” (SILVA, 1986, p. 21) para que, assim, o contador se familiarize com ela, perceba os momentos de subir ou descer a entonação e controlar a velocidade da narrativa, usar os gestos, o corpo, e onde a história permite adicionar novos elementos, como objetos e técnicas. “Estudar a história é também escolher a melhor forma ou a forma mais adequada de apresentá-la” (SILVA, 1986, p. 31).

Outra parte da preparação para contar histórias é refletir sobre a forma e os meios de contar, verificando a técnica que será utilizada, bem como escolhendo quais elementos externos serão adicionados. Nesse momento, segundo Sisto e Motoyama (2016), o contador de histórias usa sua sensibilidade para entender se na história há possibilidade de uso de recursos externos, ou se a narrativa simples é melhor, o que, para Silva (1986, p. 31), é aquele que “não necessita de acessórios e se processa pela voz do narrador, sua postura. O contador de histórias, por sua vez, com as mãos livres, concentra toda a força na expressão corporal”.

Nesse sentido,

Recursos externos são objetos, figurinos, instrumentos, cenários, projeções que auxiliam o contador de histórias a enriquecer sua performance ao interagir com os ouvintes, proporcionando-lhes uma experiência estética diferenciada. (SISTO; MOTOYAMA, 2016, p. 117).

No entanto, para escolher tais recursos, o contador deve dialogar com a história para saber qual mídia “ela aceita”, pois se isso for negligenciado, os elementos exagerados, ao invés de contribuir para uma melhor experiência com a história, irão desviar a atenção do público, e comprometer a narrativa. Por isso é muito importante estudar a história, para entendermos os elementos necessários, e a técnica de acordo com o que ela “exige”, ou seja, a narrativa oferece “pistas” que nos ajudam a escolher o melhor recurso e/ou técnica.

Além de refletir sobre os recursos externos, Sisto e Motoyama (2016) falam sobre outro tipo de recurso que o contador de histórias deve conhecer: os recursos internos. Um exemplo disso seria mergulhar na história, identificar-se com ela, emocionar-se, ensaiá-la, repeti-la, entrar na narrativa e assim preparar a sua história, descobrir os recursos externos essenciais que deixam o narrador e os ouvintes tranquilos na recepção do texto oral. Dessa forma, o sucesso da narrativa depende profundamente da relação do empenho do contador de histórias com o ensaio e estudo da história, bem como as técnicas e recursos escolhidos.

Outro fator relevante é criar o ambiente para contar histórias, após escolher a narrativa, estudá-la, pensar nos recursos e ensaiá-la, é importante que o contador crie uma mágica envolvente enquanto conta, e que assim prenda a atenção do início ao fim da atividade, fazendo com que cada ação da história agregue mais significado à história, tornando-a ainda mais interessante.

[...] É bom que quem conta a história consiga criar um ambiente tocante e cativante, encantamento... saiba controlar o ritmo, fazer pausas, dar tempo para a imaginação das crianças construir cenários, monstros, cria dragões, invade casas, veste a princesa, pensa na cara do padre, sente o cavalo galopando, imagina a aparência dos bandidos e assim por diante... (ABRAMOVICH, 2009 , p. 21).

É nesse momento que toda a preparação feita anteriormente será colocada em prática, o contador de histórias usará a técnica escolhida, as falas, os movimentos, as músicas, tudo preparado de antemão.

Diante do exposto, é compreensível a importância do público, é para ele que a história é preparada, para que possa vivenciar junto com o contador de histórias o momento prazeroso de contar uma história e assim estar mais próximo dessa arte. São os ouvintes que fazem as histórias acontecerem, sem eles qualquer história não passa de uma ideia, sujeita à imprevisibilidade do público. Assim:

Para um contador de histórias, essa só se torna realidade quando é partilhada com os ouvintes. Antes disso, é apenas uma hipótese e está quase inteiramente no campo das possibilidades. (SISTO; MOTOYAMA, 2016, p. 116).

Como a audiência é indispensável para a contação de histórias, é importante pensar na relação do contador de histórias com seus ouvintes, olhá-los nos olhos, respeitar o momento de imaginar a história.

A narração requer uma conexão direta com o público que, nesse caso, parte de recursos internos como emoções, afetos, experiências pessoais, e externos como gestos, entonação e também da expressão corporal do narrador (SILVA, 2014 , p . 55).

Bajard (1994) nos conta mais sobre essa diferença. Para ele, "ler" é uma prática pessoal, "dizer" é ler em voz alta transmitindo o texto para alguém, e "contar" é livre, não preso ao texto, permitindo adaptações. Assim, para o autor, contar não é apenas dizer (ler o texto em voz alta); ao dizer que é necessário apenas transmitir o texto como está escrito. Tanto o dizer como o contar requerem preparação, mas ao contar o texto, o contador de histórias pode reformulá-lo de acordo com as necessidades do momento, dando lugar à espontaneidade, à criatividade do narrador, "o contador de histórias sabe preencher seu enredo com contribuições que partem de intervenções do espectador" (BAJARD, 1994, p. 105). Essas adaptações só serão possíveis conhecendo o texto e as possibilidades por ele permitidas.

Diante do texto, o leitor não está sozinho; a identificação com os personagens se dá no mais íntimo de seu ser. No caso do contador de histórias, essa identificação se faz entre outras e não se refere ao campo privado, mas ao social.

Matos (2005) também nos traz a diferença entre ler em voz alta e contar histórias:

[...] a arte do contador de histórias envolve expressão corporal, improvisação, interpretação, interação com os ouvintes. O contador, como vimos, recria a história com seu público enquanto a conta. O

leitor, por sua vez, empresta sua voz ao texto. Ele pode usar recursos vocais para que a leitura se torne mais envolvente para o ouvinte, mas não recria o texto, nem improvisa usando estímulos do público. (MATOS, 2005, p. 9).

Na contação de histórias, ainda segundo Matos (2005), o que se deseja é essa interação imediata com o ouvinte, as reações do público são essenciais para desenvolver a narrativa e, conseqüentemente, auxiliar na compreensão do texto oral.

Dessa forma, é possível compreender como contar uma história envolve mais do que a simples transmissão de uma narrativa, e como é mais do que ler um livro em voz alta para uma criança. A narração é livre, com o uso das mãos, dos gestos, com a história na cabeça, podendo ser adaptada conforme a resposta do público, a história que está viva, pois a cada momento, sem perder sua essência, pode mudar de forma dependendo do que os olhos do público pedem.

Busatto (2003) afirma que contar histórias é esquecer os espaços pedagógicos, e ir em busca de uma herança deixada por nossos antepassados, e que muitas vezes é esquecida, embora faça parte de nosso ser.

Portanto, olhando pela trajetória da narrativa oral, é possível perceber a importância da contação de histórias ao longo do tempo e nos dias atuais. É importante oferecer ao público de todas as idades, mas principalmente às crianças, momentos de ouvir histórias, de se acalmar, de deixar a imaginação trabalhar a partir da narrativa oral, da atuação do contador de histórias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A contação e a leitura de histórias são atividades importantes para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças e dos adultos.

Contar histórias desempenha um papel importante no desenvolvimento infantil. A imaginação das crianças aumenta ainda mais ao ouvir histórias e contos de fadas. Pode-se envolver as crianças para discutir como a terra da fantasia ou os mundos incríveis dessas histórias podem ser diferentes ou iguais ao mundo real.

O mundo hoje pode ser visto como um lugar assustador. Muitas famílias e mais especificamente as crianças podem passar por um tremendo estresse. Nessa situação, as crianças precisam estar cientes de que coisas ruins acontecem com todos. As histórias e os contos de fadas podem ajudá-los a desenvolver resiliência emocional, auxiliando a conectar as histórias com questões da vida real, onde na maioria das vezes o herói triunfa. Essas histórias mostram a eles que todos nós passamos por desafios na vida e que eles devem estar sempre preparados e acreditar que podem vencer na vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 5. ed. São Paulo: Scipione, 2009.
BUSATTO, C. **Contar e encantar: Pequenos segredos da narrativa**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
SILVA, M. **Contar histórias uma arte sem idade**. São Paulo: Ática, 1986.

SILVA, VS da. **A Hora do Conto no cotidiano escolar: reflexões sobre o ler e o contar na rotina de duas professoras dos anos iniciais.** 2014. 166 f. Dissertação (Mestrado em educação) - UNESP. Presidente Prudente. 2014.

SISTO, C.; MOTOYAMA, JF M. A narração de histórias na infância: técnicas e interação. In: GIROTTO, Cynthia; SOUZA, Renata Junqueira. de. (Org). **Literatura e Educação Infantil.** Campinas: Mercado de Letras. 2016. v. 2. pág. 111-138.

SISTO, C. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias.** 3. ed. Belo Horizonte: Aletria: 2012.

SOUZA, RJ de; CARDOSO, EP. Literatura Infantil: possibilidades para o letramento literário. **Revista Brasileira de Alfabetização** - ABAlf, Vitória, v. 1, n. 3, pág. 142 - 158, jan/jul. 2016.

SOUZA, RJ de; MOTOYAMA, JFM; A formação de leitores literários: o espaço como mediador. **Raído, Dourados**, v. 8, n. 17, pág. 155-169, dez. 2014. Disponível em: <http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/3553> . Acesso em: 20 abr.2023.

SOUZA, RJ de; MOTOYAMA, JFM. Contação de histórias, espaço e mediação: as experiências do CELLIJ. **Revista de Educação, Ciência e Cultura**, Canoas, v. 24, n. 2, pág. 31 a 42, jul. 2019. Disponível em: <http://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Educacao> . Acesso em: 16 abr.2023.

ZOCOLARO, I.; DONA, G.; SOUZA, R. **A arte de contar histórias e sua importância na sociedade atual: vivências no CELLIJ.** In: SEMINÁRIO DE LITERATURA INFANTIL E JUVENIL, VIII, 2019, Florianópolis. Anais eletrônicos. Palhoça: Edi. Unisul, 2020. pág. 1639 - 1645. Disponível em: <https://literalise.files.wordpress.com/2020/06/rexsistc3aancias-literc3a1rias-na-contemporaneidade-cc3b3pia.pdf> . Acesso em: 15 abr.2023.

Viviane de Cássia Araujo

Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Estácio de Sá, UNISEB/ESTÁCIO. Pós-Graduada em Pedagogias Humanística pela Faculdade XV de Agosto e na A Arte de Contar História pela Faculdade Gennari & Peartree. Professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental I da Prefeitura Municipal de São Paulo, PMSP.



Revista a EVOLUÇÃO
n. 38
2023
ISSN 2675-2573

Revista a EVOLUÇÃO

Avulso P. 39
2023
ISSN 2675-2573



ROSELI MARCELLI

PENSAR A EDUCAÇÃO A PARTIR DO TERRITÓRIO



CÂNDIDA OLIVEIRA
Porto Barreiro – PR
Empenamento de famílias
www.primeiraevolucao.com.br



www.primeiraevolucao.com.br

ORGANIZAÇÃO:
Manuel Francisco Neto
Vilma Maria da Silva

AUTORES(AS):
Andréa Godoy Miyashiro
Célia Maria Batista
Maria Elena dos Santos Silva
Miriam Ferreira
Pâmella Kelly R. Barros de Mendonça
Priscila Paula da Costa da Silva
Rosângela Adelina dos Santos Oliveira
Tânia Maria Pereira Castro
Viviane de Cássia Araujo
Viviane Salvador de Almeida Gaspar



<https://doi.org/10.52078/issn2673-2573.rpe.39>

Produzida com utilização de softwares livres



Platform &
workflow by
OJS / PKP

www.primeiraevolucao.com.br

